

Projeto do Programa PROBIC na área de Psicologia
Título do projeto proposto: Ciência e psicanálise em Jacques Lacan
Coordenador do projeto: Wanderley Magno de Carvalho
Aluna: Wanessa de Paula
Autores do texto: Wanderley Magno de Carvalho, Wanessa de Paula e Maria Gabriela Campos Nascimento.
Vigência do projeto: 01/04/2019 a 31/03/2020

CIÊNCIA E PSICANÁLISE EM JACQUES LACAN

A pesquisa visou compartilhar uma investigação teórica sobre as posições de Lacan quanto às ciências: como ele as mencionou, o que ele pensou sobre elas nas diferentes etapas de seu ensino, e o que pensou sobre a psicanálise enquanto ciência.

Jacques Lacan (1901-1980) foi o psicanalista que promoveu um retorno à originalidade da obra de S. Freud, enfatizando que o mestre vienense estava atento à questão dos desejos inconscientes e pela via da linguagem. Lacan afirmou com ênfase que o inconsciente se estrutura como uma linguagem. Fez avanços notáveis criando conceitos novos (*objeto a*, *sinthome* e outros) e dialogando com elementos de diversos campos do saber (filosofia, linguística, matemáticas, lógica, biologia, etologia, cibernética, literatura ficcional).

Nos últimos anos de seu trabalho fez um esforço cada vez maior para formalizar lógico-matematicamente o que sua prática clínica lhe mostrara. Sua vasta produção teórica reúne livros e, principalmente, os seminários que pronunciou por mais de vinte anos e que foram transcritos e publicados posteriormente. Parte desses seminários foram o objeto desta pesquisa.

Dada a dificuldade do tema proposto precisamos fazer uma alteração de percurso em relação ao projeto proposto e nos detivemos com maior ênfase na apresentação da discussão contemporânea a respeito do que são as ciências e a cientificidade da psicanálise.

OBJETIVO GERAL

Investigar as posições de J. Lacan referentes às ciências, à psicanálise e à cientificidade da mesma. Criar as bases para estudos clínicos que serão realizados a médio e longo prazos e que ajudarão a corroborar ou refutar a tese, permanente em S. Freud, de que a psicanálise é uma ciência.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Introduzir o debate contemporâneo sobre a cientificidade da psicanálise.
- Identificar em lições específicas dos seminários de J. Lacan, as bases conceituais para a afirmação da cientificidade da psicanálise.
- Buscar na leitura comentada dos seminários, pistas para um entendimento do que possibilita ao analista encontrar os invariantes do tratamento que ele dirige e que se colocam como um norte na condução de seu trabalho.
- Identificar o uso que Lacan fez da lógica e da matemática em sua teoria.

METODOLOGIA

Quanto à sua natureza, esta pesquisa é de tipo básica. Segundo PRODANOV (2013, p. 51), a pesquisa básica objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática imediata, ao passo que a pesquisa aplicada gera conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Ela envolve verdades e interesses locais.

Quanto aos fins, trata-se de pesquisa exploratória. O problema a ser investigado pode ser formulado em três perguntas: quais são as referências de J. Lacan às ciências e à psicanálise? Em que elas nos permitem avaliar a cientificidade da última? Quais são os argumentos favoráveis ou contrários, por ele apresentados?

Em relação à abordagem do problema (a cientificidade da psicanálise nos primeiros seminários de Jacques Lacan), trata-se de pesquisa qualitativa. “Abordagem qualitativa” é uma expressão usada “*para designar pesquisas que, usando ou não quantificações, pretendem interpretar o sentido do evento a partir do significado que as pessoas atribuem ao que falam e fazem*” (CHIZZOTTI, 2010, p. 28).

Ainda segundo PRODANOV (2013), o delineamento de uma pesquisa refere-se ao seu planejamento em sua dimensão mais ampla, envolvendo diagramação, previsão de análise e interpretação de coleta de dados. Haveriam, então, dois grandes grupos de delineamentos: os que se valem das fontes de papel (pesquisa bibliográfica e pesquisa documental) e aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas (pesquisa experimental, pesquisa ex-postfacto, o levantamento, o estudo de caso, a pesquisa-ação e a pesquisa participante).

Adotamos em nossa pesquisa, a modalidade bibliográfica. Nesta, procede-se ao “(...) estudo e análise de documentos de domínio científico tais como livros, enciclopédias, periódicos, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos” (OLIVEIRA, 2007, p. 69).

Na análise e interpretação do material estudado aplicamos, além da crítica do conteúdo, uma hermenêutica, ou, crítica de interpretação definida por Marconi e Lakatos (2003) como a averiguação do sentido que o autor quis exprimir.

RESULTADOS

De uma investigação preliminar e necessária sobre o que são as ciências

Nossa investigação inicial nos conduziu à necessidade de uma revisão sobre a epistemologia das ciências, como forma de subsidiar o estudo dos textos lacanianos. Afinal, se sustentamos que a psicanálise é uma ciência, devemos antes nos perguntar: que é ciência? Ou, para sermos mais rigorosos devemos propor: que são as ciências?

Seguem-se os resultados do primeiro momento de nosso trabalho.

Para Karl Popper (1994), importante autor de filosofia da ciência do século XX, toda ciência é conjectural até que seja submetida a testagens (as observações, dentre outros procedimentos, vêm depois de uma conjectura). Se a teoria passa pelo teste, é ciência empírica, se não passa, permanece ciência conjectural.

Para ele, os sistemas metafísicos não são científicos, porque seus argumentos não são passíveis de testes e do critério de refutabilidade: “o critério que define o status científico de uma teoria é sua capacidade de ser refutada ou testada” (POPPER, 1994, p. 66). Daí sua colocação de que a psicanálise é uma metafísica. Ela não seria nem mesmo uma ciência conjectural, uma vez que não é passível de ser submetida a testagens como

aquelas praticadas pelo método lógico-experimental. Contudo, é importante notarmos que Popper (1974/2010) não nega à psicanálise a capacidade de produzir verdades: “O caso da psicanálise é diferente. Ela constitui uma metafísica psicológica interessante (há alguma verdade nela, como frequentemente há nas ideias metafísicas), porém, nunca foi ciência” (p. 126). Esta “alguma verdade” sugere um indiscernível pelo qual Popper simplesmente não se interessa, mas que à psicanálise e a outras ciências contemporâneas, sim.

Diremos com o filósofo Alain Badiou (1991, 1996), que as ciências são procedimentos de verdades. Os procedimentos de verdades são, segundo o filósofo, procedimentos genéricos (não os confundir com procedimentos gerais, ou generalizantes, como os que a tradição científica comum, hipotético-dedutiva e lógico experimental, pretende que sejam os únicos válidos). Em Badiou, as ciências constituem uma das quatro condições de produção das verdades: o matema (ciência), o poema (arte), a invenção política e o amor. Essas condições, ele as nomeia textualmente como “procedimentos genéricos”, os quais são os procedimentos que “especificam e classificam... todos os procedimentos suscetíveis de produzir verdades (só há verdade científica, artística, política ou amorosa)” (BADIOU, 1991, p. 9).

As ciências são formadas a partir de ao menos quatro fontes ou procedimentos bem estabelecidos. 1) a partir das experiências do pesquisador com seus objetos de pesquisa (experiências não só afeitas ao método experimental); 2) formadas a partir do que já se produziu historicamente neste ou naquele campo da atividade iniciada (toda pesquisa solicita uma revisão do que já se produziu até ali sobre o tema pesquisado); 3) formadas no diálogo entre os pares - os pesquisadores produtores de conhecimento que trocam informações através de suas publicações, através de eventos, intercâmbios e correspondências; 4) são, enfim, e isto nos importa em especial, formadas nas concepções do pesquisador, bem como em suas experiências pessoais, sejam elas, relacionais, vivenciais e até mesmo ideológicas.

Em qualquer área do conhecimento, antes das experimentações, sistematizações e replicações normalmente feitas, há sempre algo intrínseco a quem pesquisa – e este algo diz respeito a quem o pesquisador é e ao uso que faz de sua criatividade. A esse respeito concordam a pesquisadora contemporânea Isabelle Stengers e o filósofo racionalista Karl Popper.

Isabelle Stengers (2002, p. 50), em seu livro sobre as ciências modernas, não descarta que a atividade do cientista dependa do seu compromisso e, talvez, de sua singularidade. Popper (principal epistemólogo anglo-saxão, defensor de uma ciência positivista e lógico-experimental) admite que a subjetividade dos pesquisadores entre em jogo na criação científica: “a pesquisa científica e a invenção técnica são inconcebíveis sem um uso muito considerável da imaginação” (POPPER, 1945/2010, p. 43). E, ainda escreve: “Creio que deveríamos abandonar a ideia de fontes supremas do saber e admitir que todo conhecimento humano é humano e está mesclado com nossos erros, preconceitos, sonhos e esperanças” (POPPER, 1960/2010, p. 55).

Se o pesquisador Moderno traz em si, uma marca distintiva, própria de sua subjetividade e que ele até prefere deixar de lado em seus experimentos, a fim de garantir objetividade e precisão, assim também, distintos e únicos, são tomados em consideração aqueles que se submetem a uma psicanálise, posto que ela é uma prática com os indivíduos tomados em sua singularidade psíquica. O que caracteriza cada humano, para além dos determinantes biológicos de seu comportamento e para além de como ele se serve e se aliena nas aprendizagens e linguagens que o mundo dispõe, é sua capacidade desejante de viver e sua história única, que deve ser ressignificada quando ele entra em sofrimento psíquico.

Ao contrário de um pensamento que busque identificar verdades ou fatos absolutos e universais no sentido de generalizáveis, existem verdades, pensamentos e singularidades que não são passíveis de quantificação e homogeneização. Dessa forma, entende-se que existam variados e múltiplos saberes, cada qual ligado ao seu campo de estudo e apresentando suas próprias verdades. Daí dizermos: “as ciências”.

Poderemos afirmar que a psicanálise de Freud é uma ciência. Empírica porque trabalha pacientemente com cada um que a procura, e porque o faz com método e rigor. Entendemos por rigor, não apenas o rigor do cálculo aritmético ou algébrico, os quais parecem constituir o único critério válido para se atribuir cientificidade a alguma prática. Rigor, aqui, é o encadeamento lógico dos raciocínios de um pesquisador quando em experiência com seu objeto. Uma ciência pode ser rigorosa sem ser exata. O filósofo alemão, Martin Heidegger, nos ensina: “ciência significa a ordenação sistemática de interpretações de experiências. Toda ciência é ligada rigorosamente ao seu campo, mas nem todo rigor é exatidão no sentido de calcular” (HEIDEGGER, 2001, p. 222).

A psicanálise trabalha “caso a caso”. Reconhece que é na prática com a singularidade de cada paciente que existe a possível emergência de uma verdade. Ela se importa em ouvir o que cada paciente diz e tomando o fio de sua fala, deseja fazê-lo haver-se com uma verdade de seu desejo e de seu gozo na vida. Quando dizemos desse gozo e desejo que uma análise revela, dizemos de algo oculto porque inconsciente para o próprio analisando. Sob esse ângulo, faz-se necessário abrir um parêntese para enfatizar que se a ciência moderna já tradicional, privilegia o olhar e a imagem (seja na medição que o engenheiro agrônomo faz, seja nas avançadas tecnologias médicas de exames clínicos, ou, ainda, na visão e escrutínio minuciosos de uma cena de crime), a psicanálise privilegia a palavra e a escuta. É uma diferença importante.

Pensando as ciências e a psicanálise a partir dos critérios do filósofo e dicionarista Nicolas Abagnano (2007), vejamos porque a psicanálise pode ser considerada uma ciência. Para o autor, o que hoje se exige das ciências como garantia de sua validade é, primeiramente, que seus conhecimentos sejam demonstráveis; em segundo lugar, que exista compatibilidade entre as proposições do corpo linguístico delas: há “a exigência de que as proposições que constituem o corpo linguístico de uma ciência sejam *compatíveis* entre si, isto é, não contraditórias” (p. 138). A terceira exigência é de que aquela ciência tenha um adequado poder de descrição. E a última exigência inclui o critério de autocorrigibilidade (ABBAGNANO, 2007). Esta caracteriza-se pela aceitação de que nas ciências, o que garante sua consistência e continuidade é a autocorreção¹.

A psicanálise se alinha à proposta do dicionarista. Pois vejamos: seus conhecimentos, recolhidos a partir da experiência de mais de um século de escuta são demonstráveis. Afinal, as manifestações do que é inconsciente – “inconsciente” é o conceito central da prática psicanalítica - aparecem na fala do paciente através dos lapsos de sua linguagem, ou através da manifestação de afetos intensos, quando da súbita lembrança de uma experiência até ali recalçada. A partir da livre associação proposta pelo psicanalista ao analisando, o inconsciente emerge no campo da consciência, assim se demonstrando. Outro exemplo é de que no momento da transferência de impulsos eróticos ou destrutivos para o analista (transferência da qual o

¹ Morris R. Cohen (1949) afirma: “a ciência convida à dúvida. Pode desenvolver-se ou progredir não só porque é fragmentária, mas também porque nenhuma proposição sua é, em si mesma, absolutamente certa... a correção é o seu elo de continuidade” (citado por ABBAGNANO, 2007, p. 139).

paciente, a princípio, não tem consciência de como se dá especificamente), pode-se observar a mudança no comportamento do paciente como, por exemplo, na transferência erotizada, onde ele pode tentar seduzir o analista.

Quanto à compatibilidade entre as proposições do seu corpo linguístico, ao lermos as teorias freudiana e lacaniana, encontramos coerência e consistência dos conceitos propostos. As noções de aparelho psíquico como aparelho de linguagem, os conceitos de inconsciente, recalçamento, narcisismo, operações defensivas do eu e transferência (para ficarmos em alguns exemplos) são compatíveis e complementares. Em Lacan, é notável o edifício teórico erguido por ele, o qual relaciona conceitos diversos produzidos em épocas diferentes de sua obra, tais como gozo, objeto *a*, *sinthoma*, todos enlaçados por sua metapsicologia dos registros simbólico, imaginário e real. Há compatibilidade na teoria até mesmo quando se admite que o aparelho psíquico é dotado de contradições, pois o inconsciente, sabemos desde Freud, possui uma lógica própria, diferente da lógica aristotélica e cartesiana, regentes da ciência e do mundo moderno².

A respeito da terceira exigência de Abbagnano, segundo a qual uma ciência deva ter um adequado poder de descrição, encontramos nos casos clínicos de Freud, acuradas descrições do que se passa no psiquismo de seus pacientes. São conhecidos e frequentemente reestudados, os casos clássicos de Dora (1905), do pequeno Hans (1909), do Homem dos Ratos (1909), o caso Schreber (1911), e o Homem dos Lobos (1918), dentre outros. Freud traça ali, verdadeiros retratos subjetivos (relativos ao inconsciente) de seus dramas pessoais. Além disso, o criador da psicanálise propôs que, ao descrevermos um processo psíquico em seus aspectos tópico, dinâmico e topográfico, teremos feito ali, uma consumação da pesquisa psicanalítica (FREUD, 1915/1980, p. 208). Assim também, em autores contemporâneos como por exemplo em Joel Dör (1991), e numa perspectiva metapsicológica, há acuradas descrições das posições do sujeito do inconsciente, conforme ele se estrutura de um modo neurótico ou perverso.

² Os princípios da lógica aristotélica são o princípio de identidade, princípio de não contradição e o princípio do terceiro excluído, bem como as definições de silogismo e de falácia. Os desenvolvimentos da lógica nos séculos XX e atual revelaram que os pesquisadores/cientistas tanto poderão valer-se da lógica clássica, como também das novas lógicas, tais como lógica trivalente, lógicas fuzzy, modais, paraconsistentes etc. (CUNHA, 2004), as quais Haack (2002, p. 208) entende como as respostas dadas às pressões para mudar a lógica clássica.

Finalmente, a teoria psicanalítica é autocorrigível como o propõe Abbagnano. Ela possui o raciocínio de aperfeiçoamento e como exemplo disso, temos a mudança das posições de Freud quanto à categorização nosológica que faz da melancolia (CARVALHO, 2002).

Sobre as ciências e a psicanálise em Jacques Lacan

No segundo momento de nossas pesquisas, iniciamos o estudo das lições dos seminários de Lacan, nas quais o autor menciona o problema das ciências e a cientificidade da psicanálise.

Logo na abertura do seminário “Os escritos técnicos de Freud” proferido nos anos de 1953 e 1954, Lacan dá a Freud, seu merecido lugar: o de corajoso proponente de um novo tipo de ciência. Esta, surgida em um ambiente altamente propício à criação: a cidade de Viena no final do século XIX, banhada que estava em grande efervescência cultural de múltiplos sentidos. Para Lacan, o criador da psicanálise foi um corajoso porque recusou as premissas científicas de seus mestres imediatos (Helmholtz, Brücke), premissas que asseguravam uma forma específica e hegemônica de se praticar ciência (ciência do método experimental), e porque ousou “dar importância àquilo que lhe acontecia, às antinomias da sua infância, às suas perturbações neuróticas, aos seus sonhos” (LACAN, 1986, p. 10).

As ciências, e nelas Lacan inclui a psicanálise, operam como o bom cozinheiro fazendo cortes precisos no animal, dissecando-o. O pesquisador o faz exercendo a mesma operação de corte. Sua faca são seus conceitos. Os cortes são no real posto que as ciências intervêm no real, ainda que não tenha certeza sobre os efeitos de sua operação. “As primeiras denominações surgem das próprias palavras, são instrumentos para delinear as coisas” (LACAN, 1986, p. 10). E o problema é que o uso desses instrumentos, por qualquer que seja a ciência, poderá mantê-la travada em sua própria linguagem por muito tempo.

É que os conceitos não nascem da experiência de cada um, como nos lembra Lacan naquela mesma passagem de seu seminário. Eles são mantidos, transmitidos e repetidos a cada nova geração de pesquisadores, quase sempre burocraticamente, e servindo à necessária manutenção das teorias - ao passo que os próprios objetos,

geradores daqueles conceitos, estão mudando constantemente. “Há, de início, uma linguagem já toda formada, de que nos servimos como de um mau instrumento” (LACAN, 1986, p. 10).

O psicanalista, pesquisador do inconsciente humano, subverterá essa lógica de funcionamento agindo como o mestre budista no ensino do *zen*, ainda que de modo bem mais parcimonioso e adequado ao momento clínico³. Estabelecida a transferência e estando o paciente, prestes a elaborar algo de seus problemas e próximo que esteja de uma solução, o analista o interromperá de modo súbito, a fim de que uma solução inédita possa existir em ato e em um novo estado da consciência, sem o prejuízo de mais alienação do paciente. A alienação se daria na interpretação lógico-proposicional que o analista normalmente propõe – o analista, que é para o analisando, mais um Outro, tesouro de significantes, detentor da verdade e da “salvação” do segundo.

Assim, se as ciências tradicionais avançam paulatinamente na criação de novidades, amparadas que estão nos conhecimentos (verdades) já estabelecidos pelos antecessores de cada um de seus campos, a psicanálise, por seu turno, procederá hereticamente através da desconstrução de saberes e certezas de sua própria teoria e das “teorias” que cada paciente traz sobre si e sua história.

Ao considerar a implicação de Freud naquilo que ele desenvolvia de modo original, e ainda que sem fazer a distinção entre “singular” e “particular”, Lacan afirma a cientificidade da psicanálise na seguinte formulação: “Certamente, a análise como ciência é sempre uma ciência do particular. A realização de uma análise é sempre um caso singular” (LACAN, 1986, p. 31).

Isto significa dizer que cada paciente é tomado no uso único, apenas seu, que ele faz da linguagem ao narrar seus sintomas e sua história. Enquanto nas ciências hegemônicas dos métodos hipotético-dedutivo e lógico-experimental a pesquisa é reduzida a uma suposta objetividade e objetivação, na psicanálise, desde Freud, ela é uma investigação sobre as verdades do sujeito: “Insisto no fato de que Freud avançava numa pesquisa que não é marcada pelo mesmo estilo que as outras pesquisas científicas. O seu domínio é o da verdade do sujeito” (LACAN, 1986, p. 31). Ressalvemos: “sujeito”, aqui, não é o mesmo ao qual se referem a sociologia, a política, as outras psicologias e, algumas vezes, as ciências jurídicas. “Sujeito” é o sujeito do inconsciente

³ Quinet () escreve sobre a comparação que Lacan faz entre o *Koan* da técnica budista, e o uso do tempo lógico, assinalando que Lacan preconiza uma aplicação discreta do princípio da técnica japonesa.

ou, seja, aquilo que em Freud é a hipótese do inconsciente e que só pode ser verificada no *setting* analítico.

E se a psicanálise é uma ciência para Lacan, nesse ano de 1954, ela é uma ciência ainda dependente, em parte, das contribuições de outras já mais estabelecidas. É o que ele afirma ao mencionar o uso que fez da Óptica, na elaboração da sua hipótese metapsicológica do estágio do espelho⁴: “As ciências, e sobretudo as ciências em gestação como a nossa, frequentemente tomam emprestado modelos a outras ciências” (LACAN, 1986, p. 91).

Ao discutir a tópica do imaginário na lição de 24 de fevereiro de 1954, Lacan apresenta o experimento óptico do buquê invertido para ilustrar o que resulta da estreita relação entre os registros real e imaginário. E o que ele deduz é que

“(…) na relação do imaginário e do real, e na constituição do mundo, tal como ela resulta disso, tudo depende da situação do sujeito. E a situação do sujeito (...) é essencialmente caracterizada pelo seu lugar no mundo simbólico (...) no mundo da palavra” (LACAN, 1986, p. 97).

Importa-nos que no percurso desta elaboração, Lacan nos dá uma pista a respeito das ciências. A de que toda ciência reduz o sujeito a um olho, e por isto ela está objetivada (LACAN, 1986, p. 97). Podemos propôr uma reflexão. Se as ciências tradicionais repousam sobre essa hegemonia do olho e do olhar, a psicanálise se diferenciara por priorizar o ouvido e a escuta. Priorizará o lugar mais próprio do homem (o simbólico) porque, como visto acima, é no mundo da palavra que a situação do sujeito se decide.

Depois de referir-se novamente à psicanálise como uma ciência, na Lição sobre o desejo (p. 196), Lacan aborda a questão do sujeito da ciência também para diferenciar a prática científica comum, da ciência psicanálise. Considerando que o “eu” da consciência (*moi*, em francês) é uma função imaginária que não se confunde com o *eu*, sujeito do inconsciente (*je*, em francês), Lacan é assertivo: “não há, nunca, senão um único sujeito - o cientista que olha o conjunto e espera um dia, reduzir tudo a um jogo determinado de símbolos, que envolvem todas as interações entre objetos” (LACAN, 1986, p. 224).

⁴ Fase comum a toda criança, na qual ela, a princípio, não se reconhece no espelho pensando tratar-se de outra. Só se reconhece quando, pela palavra da mãe que a nomeia, enfim se percebe e rejubila-se.

A diferença entre as ciências está em que, nas ciências comuns, o pesquisador é o sujeito “na medida em que é o reflexo, o espelho, o suporte do mundo objeto”. Tudo se passa no plano imaginário. Para a psicanálise, como já assinalamos, existe a dimensão da escuta e da palavra. Palavra enganosa. Pois Freud nos mostra que no humano, há algo que mente independentemente do que traz a consciência. Na penúltima lição do seminário, Lacan dirá que se trata de erro, ou de equívoco, não de mentira.

A psicanálise reintegra a dimensão do sujeito do inconsciente. Reconhece que ao lado dos ditos e dos demais comportamentos apresentados na consciência, especialmente aqueles que surgem como incoerentes para o próprio indivíduo, há uma outra parte do eu mantida sob recalque e que se expressará, equivocadamente, por exemplo, na linguagem dos sintomas. Esta foi a revolução científica de Freud. A estrutura dessa revolução é o que Lacan tenta apreender em seu seminário.

Nas duas penúltimas lições do primeiro Seminário, Lacan abordará o problema da verdade, da significação e da palavra na relação transferencial psicanalítica. Parte de uma leitura do texto *De Magistro*, de Santo Agostinho, aponta como em Hegel se diz sobre um saber absoluto, “momento em que a totalidade do discurso se fecha sobre si mesma numa não-contradição perfeita” (LACAN, 1986, p. 301) e assinala o que resulta disso. Que as ciências Modernas anseiam pela realização desse ideal de perfeição. Anseiam por um progresso, capaz de construir um único sistema simbólico, uma “língua bem feita”, língua própria que prescindiria de uma voz.

E, aqui novamente, percebemos uma diferença entre aquelas ciências e a da psicanálise. Esta última não opera pela busca de um conhecimento absoluto ou absolutamente correto. Ela até admite que o discurso do analisando ocorre na ordem do erro e do desconhecimento. Sua verdade irrompe, na análise justamente no lapso, no ato falho que, como diz Lacan, é um ato bem-sucedido: “(...) nossas palavras que tropeçam são palavras que confessam. Elas, elas revelam uma verdade de detrás. No interior do que se chamam associações livres, imagens de sonhos, sintomas, manifesta-se uma palavra que traz a verdade” (LACAN, 1986, p.302).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, N. (2007). *Dicionário de filosofia*. 5a ed. São Paulo: Martins Fontes.

BADIOU, A. (1991). *Manifesto pela filosofia*. Rio de Janeiro: d'aoutra.

- BADIOU, A. (1996). *O Ser e o evento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor / Ed. UFRJ. (Trabalho original de 1988).
- CARVALHO, Wanderley Magno de. *Investigação sobre os estados melancólicos*. 2002. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Orientadores: Jeremias Ferraz e James Bastos Arêas.
- CARVALHO, Wanderley Magno de. *Psicanálise: ciência do singular*. 2017. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Orientador: Oswaldo França Neto.
- CHIZOTTI, Antonio. (2010). *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- DÖR, Joel. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro. Livrarias Taurus-Timbre Editores. 1991.
- FREUD, S. (1915/1980). O inconsciente. In *Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud*. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- HEIDEGGER, M. (2001). *Seminários de Zollikon*. São Paulo: EDUC; Petrópolis, RJ: Vozes.
- LACAN, Jacques. *O Seminário: Livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1986.
- MARCONI, M. A. & LAKATOS, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. 5ª ed. São Paulo: Atlas.
- POPPER, Karl. (1945/2010). *A defesa do racionalismo*. In: *Textos escolhidos / Karl Popper*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio.
- POPPER, K. R. (1974/2010) O problema da demarcação. In *Textos escolhidos/Karl Popper*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio.
- POPPER, K. R. (1994). *Conjecturas e refutações*. (3a ed.). Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- POPPER, K. R. (1960/2010). Conhecimento sem autoridade. In *Textos escolhidos/Karl Popper*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio.

PRODANOV, Cleber Cristiano. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUINET, Antonio, As 4+1 condições da análise. 12.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

STENGERS, Isabelle (2002). *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: Ed. 34.